

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

LEITURA: MEDIADORA DE SENTIDOS

Alcimar Nunes Bezerra

82.1
C92569345

028.1
25741

nao

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N° <u>6636</u>
Data <u>31</u> / <u>01</u> / <u>02</u>

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

LEITURA: MEDIADORA DE SENTIDOS

**Ensaio Monográfico apresentado para conclusão
do Curso de Letras – Universidade do Estado de
Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e
Lacerda**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho às professoras, Madalena Machado, que ensinou-me o que é argumentar e defender idéias.

E a Cleunice Maria de Andrade Silva, que acordou-me para as várias significações e sentidos do texto.

A todos os meus professores por terem acreditado na minha capacidade e principalmente pelos ensinamentos dados.

Em especial a minha mãe que deu-me forças e fez com que eu refletisse sobre a vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por permitir que eu continue caminhando para o futuro na Sua presença.

Especiais aos meus pais (Antônio e Alzira), pelo esforço e dedicação, por sempre terem feito questão de proporcionar-me o grande tesouro, que é o conhecimento.

A minha irmã, Anissandra, que mesmo após ferrenhas discussões sempre auxiliou-me nos trabalhos escolares.

Agradeço também ao meu esposo, pela compreensão e incentivo nestes três últimos anos.

Aos colegas que trilharam comigo os caminhos do conhecimento.

Agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente ajudaram-me a galgar mais uma etapa do saber.

Eternamente,

muito obrigada.

*Ler é saber
que o sentido
pode ser outro.*
(Eni Pulcinelli Orlandi)

SUMÁRIO

Apresentação.....	07
A visão dos estudiosos.....	08
Leitura: mediadora de sentidos.....	11
Considerações Finais.....	20
Bibliografia.....	21
Anexos	22
Anexo 1.....	23
Anexo 2.....	24
Anexo 3.....	25
Anexo 4.....	26
Anexo 5.....	27
Anexo 6.....	28
Anexo 7.....	29
Anexo 8.....	30

APRESENTAÇÃO

A leitura tem a função de facilitar o entendimento da realidade que nos rodeia.

Este estudo, mostrara-nos que não existe só a leitura da palavra, mas também a de mundo, que é fundamental para a criticidade, uma vez que, através desta temos a possibilidade de compreender as intenções que há em um texto, isso tanto objetiva quanto subjetivamente.

Lendo, aprendendo a entender melhor as palavras e decodificando-as em todos os sentidos possíveis, relacionando-as ao código enigma/mundo, é que vamos conhecer as “mil faces” que cada uma tem.

Sabemos que estamos rodeados de fatos que muitas vezes passam despercebidos ao nossos olhos e quando estes são descobertos muitas vezes nos causam grandes surpresas. E foi por causa desta falta de percepção da realidade, ou seja, de leitura com visão crítica, que tivemos a curiosidade de pesquisar novas formas de desenvolver um trabalho sobre leitura, ou simplesmente questionar qual a origem desta questão.

Sendo assim neste presente estudo, mostraremos a importância de ser um leitor crítico e ativo e também tentaremos destacar o valor da bagagem que cada aluno traz de casa, pois esta é que aguça o interesse do mesmo.

O material que serviu como *corpus* para este trabalho, consta de respostas de alunos e professores, as quais foram obtidas através de um questionário informativo.

Para a análise dos textos tomamos como base os pressupostos teóricos de alguns estudiosos sobre a leitura.

Este ensaio monográfico está assim distribuído: apresentação, a visão dos estudiosos, a análise, considerações finais, bibliografia e anexos.

Esperamos dar nossa contribuição aos leitores sobre a importância da leitura.

A VISÃO DOS ESTUDIOSOS

Há várias teorias sobre leitura. No entanto, devido a multiplicidade de formas e as inúmeras ideologias sobre a mesma, iremos trabalhar somente com a visão de alguns pensadores que acreditam que a leitura de mundo é fundamental na formação da criticidade e historicidade do sujeito-leitor.

Assim, nossa pesquisa será fundamentada nas teorias de Paulo Freire, Ezequiel Theodoro da Silva, Maria Helena Martins, Luiz Carlos Cagliari, Eni Pulcinelli Orlandi, Maria Helena Rabelo Campos e outros teóricos caso haja necessidade.

De acordo com Cagliari, *a leitura é a realização do objetivo da escrita. Quem escreve, escreve para ser lido. O objetivo da escrita é a leitura.* (CAGLIARI, 1999:149)

Na concepção de Maria Helena Rabelo Campos:

Ler não é, portanto, simplesmente juntar letras que formam sílabas que por sua vez formam palavras que constituem frases arranjadas em períodos, parágrafos, etc. Há algo além do beabá que escapa ao próprio processo de alfabetização tal qual praticado em nossas instituições de ensino. (CAMPOS, 1992:10)

Quanto ao ato de ler, Ezequiel Theodoro da Silva afirma que *ler é, fundamentalmente um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e no mundo dos homens, explicando-as.* (SILVA, 1995:12)

O referido autor, numa outra circunstância ainda acrescenta que, *ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana.* (SILVA, 1996:41)

Maria Helena Martins argumenta que, *aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados.* (MARTINS, 1994:34)

Neste mesmo sentido, Paulo Freire complementa o pensamento da autora citada anteriormente dizendo que *a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.* (FREIRE, 1991:20)

Em consonância com esta afirmação, Cagliari argumenta que *a leitura do mundo é obviamente uma metáfora, mais nem por isso deixa de ser algo tão importante para cada um quanto a própria filosofia de vida.* (CAGLIARI, 1999:150)

Segundo Maria Helena Rabelo Campos, *a compreensão crítica dos textos leva a uma compreensão crítica da própria sociedade que os produz e neles se inscreve.* (CAMPOS, 1992:12)

A afirmação anterior, vem ao encontro das palavras de Ezequiel Theodoro da Silva, quando ele afirma que *a presença de leitores críticos sem dúvida incomodaria bastante a política da ignorância e da alienação estabelecida pelos regimes ditatoriais e disseminada através dos aparelhos ideológicos do Estado.* (SILVA, 1995:50)

Maria Helena Rabelo Campos complementa a visão de Ezequiel Theodoro da Silva dizendo que *a atividade de leitura é desveladora do mundo, portanto desequilibradora e geradora de desordem, se confrontada com as expectativas do senso comum.* (CAMPOS, 1992:17)

Para a estudiosa Eni Pulcinelli Orlandi, *a leitura não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade.* (ORLANDI, 1999:9)

Segundo a referida autora, a leitura é um processo que vai além do momento, ao qual se pratica o ato de ler, já que este, envolve complexidade e muita perspicácia por parte do sujeito-leitor, para assim descobrir os vários sentidos em um texto. Ela ainda acrescenta, *saber ler é saber o que o texto diz e o que não diz, mas o constitui significativamente.* (ORLANDI, 1999:11)

Como sugestão para o trabalho de leitura o autor João Wanderley Geraldi in PRESTES, 1999 diz que a prática de leitura de textos na escola deve envolver textos curtos, como contos, crônicas, reportagens, lendas, notícias de jornais, editoriais, etc.; e também narrativas longas, como romances e novelas.

Segundo ele, a leitura de textos curtos está correlacionada com a prática de produção de textos de tipologias variadas que o professor trabalha no seu dia-a-dia, analisando-os e tendo-os como suporte para orientar seus alunos na produção de seus próprios textos, que depois serão utilizados para os estudos lingüísticos.

Geraldi sugere que se destine um período de aula por semana para a prática de leitura de narrativas longas. Ele argumenta que essas narrativas, e não as curtas, devem ser lidas nesse momento porque o aluno precisa ter um envolvimento maior com o texto, pois é 'o enredo que enreda o leitor'.

Para desenvolver tal atividade, a opinião dele é que se selecionem obras literárias em número pelo menos um pouco superior ao número de alunos, de preferência com títulos diferentes.

Ainda complementando sua teoria ele diz que no período destinado à leitura, cada aluno escolhe o livro que quer ler, sem cobrança em fichas de leitura ou provas, mas com um acompanhamento do professor para saber o que e o quanto os alunos estão lendo (só isso).

Com base nessas várias concepções, é que fundamentaremos o presente ensaio monográfico. No entanto, como já mencionamos, não está descartada a possibilidade de recorrermos a outros teóricos, além dos já citados.

LEITURA: MEDIADORA DE SENTIDOS

Sabemos que a leitura é uma atividade muito importante, pois através dela conhecemos e compreendemos melhor o mundo que nos cerca.

Acreditamos que através da leitura podemos dominar cada vez mais a língua e com isso comunicarmos com mais facilidade.

No entanto, para isso temos que estar cientes que a leitura, não é só o decodificar da escrita, é muito mais, é ler o tempo, o olhar de alguém, a mão e tudo mais que está a nossa volta. Isto porque, a partir do momento que indagamos o porquê desta leitura, ou, como conseguimos compreender um texto, é que despertamos para as várias “formas” de leitura.

Percebemos que há esta conscientização sobre as várias concepções de leitura, na fala de um professor quando ele afirma que *dependendo do tipo de leitura! Pode-se fazer leitura de várias maneiras.* (PROFESSOR A)

Vale ressaltar que não ignoramos o mundo e as coisas a nossa volta, pois ao lermos um livro, um jornal, ou, ao assistirmos a um jornal na televisão, ou a um filme, lemos, vemos e sentimos, tudo o que nos envolve.

Ao parodiar as palavras de Paulo Freire, Maria Helena Martins dá-nos uma alfinetada ao chamar nossa atenção, para que enxerguemos a amplitude da palavra leitura. Segundo ela *ninguém ensina ninguém a ler; o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desencadeie e se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo.* (MARTINS, 1994:12)

Vemos que para os referidos autores, a interação com o mundo é que realmente faz com que as pessoas aprendam a ler.

A partir do entendimento de que ler é conhecer, não é possível fazer uma leitura, sem uma decodificação da palavra, sem um conhecimento dos signos e símbolos, porque é através da significação destes, que se torna possível a “leitura”. Podemos constatar isto, nas palavras de Ezequiel Theodoro da Silva, quando diz: *O ato de ler é, fundamentalmente um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo dos homens, explicando-as.* (SILVA, 1995:12)

Tomemos como exemplo a afirmação: O ELEFANTE, está muito gordo. Não teremos um entendimento desta frase, se não houver a identificação deste signo, isto é, o entendimento só ocorre quando identificamos que ELEFANTE, está num lugar físico especial.

O reconhecimento do mundo a nossa volta é que age na leitura, como a água na nossa vida. Esta “necessidade” de conhecimento é essencial para a leitura da palavra.

Neste sentido Paulo Freire diz, *a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.* (FREIRE, 1991:20)

Lúcia Pimentel Góis, complementa a idéia defendida por Freire ao afirmar que, *lendo pode-se sonhar, ser criativo encontrar-se consigo mesmo, pensar sobre o mundo e as coisas.* (GÓIS, 1997:59)

Assim sendo, imaginar a leitura de um texto, onde há vários elementos concretos do mundo, sem o reconhecimento destes, com certeza causará um bloqueio no entendimento, pois a possibilidade de continuar a leitura é mínima e o aproveitamento simplesmente não existirá.

Num mundo, no qual o homem é o construtor, a necessidade de aperfeiçoar seus conhecimentos é enorme, para isso ele precisa contar com a leitura que já traz de “seu” mundo para a pressuposição da leitura da palavra, na qual entra sua visão crítica, sua cultura e seu poder de transformação.

A leitura do mundo referida é como um ponto de partida para a leitura (esta no amplo sentido) que por sua vez, deve ser uma constante na prática e também incentivada, já que é através do mundo que cresce o nosso interesse de compreensão, entendimento e aperfeiçoamento de nossos conhecimentos, para que através destes, surja a consciência de transformação.

Notamos que este poder de mudança está presente no dia-a-dia das pessoas, vejamos o trecho seguinte, *a leitura modifica o cotidiano de qualquer pessoa, a qualquer tempo; é um processo somatório e de amadurecimento pessoal.* (PROFESSOR B)

Vemos que num mundo de concretas mudanças, evolução, percepção de cultura e trabalho humano, não se pode ficar parado no tempo, pois a necessidade de aprimoração do conhecimento é descomunal, porque só através desta, é que se possibilita, a prática de transformá-lo.

Sabemos que as experiências adquiridas pelo sujeito ao longo de sua vivência, funcionam como suporte para a produção de sentidos, pois *a leitura não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos em uma palavra: de historicidade.* (ORLANDI, 1999:9)

Nesse processo de conhecimento, a palavra flui da leitura que está sendo feita do mundo, onde o agente mundo não pára e a cobrança da cultura, da realidade, na qual a sociedade se baseia, para formular leis que regem este mundo é bastante inovada *vivemos pois, em uma sociedade que se faz signo a ser decodificado.* (CAMPOS, 1992:11)

Nesse contexto, a palavra ganha sentido pela vida comunitária dos homens, ou seja, ela é significativa quando torna-se cada vez mais relevante à proporção que uma sociedade se agiganta cultural e economicamente. A leitura vale como instrumento insubstituível na luta de libertação pela educação, serve também para alargar horizontes intelectuais, construir valores, penetrar em um mundo caracterizado pela explosão de conhecimentos.

Em consonância com essas palavras, Paulo Freire chama-nos a atenção para o fato de que *a compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra ou da linguagem escrita, mas que se abriga na inteligência do mundo.* FREIRE (apud CAMPOS, 1992:11)

O ser humano vive dependente da leitura, isto é, não se pode viver sem entender e até mesmo dominar o espaço que se ocupa. Na visão de um leitor analisado a pessoa que lê *terá mais facilidade para se comunicar com as pessoas e saberá falar melhor e enxergará melhor a realidade do nosso mundo atual.* (ALUNO C)

A leitura é o modo que temos para compreender os outros, já que mesmo aquela pessoa que não lê a palavra (escrita), se sobressai lendo o tempo, o olhar do outro, ou, na maioria das vezes disserta sobre um assunto, com muita sabedoria e conhecimento. Como por exemplo, uma pessoa idosa tida como “analfabeta” pelo sistema dominante, ela terá condições de discutir com qualquer um sobre a guerra e falará tanto da guerra atual, a qual vivemos, quanto das guerras passadas. Essa leitura do mundo é a compreensão do mesmo, por isso torna-se possível conviver nele. Paulo Freire afirma que: *Na medida, porém em que me fui tornando íntimo do meu mundo, em que melhor o percebia e o entendia na “leitura” que dele ia fazendo os meus temores iam diminuindo.* (FREIRE, 1991:15)

Nessa proposição, o autor demonstra, o peso da leitura na busca de um lugar ao sol, ou seja, no seu meio natural, na sociedade.

Ao falar sobre a importância da leitura, o professor A comenta que o leitor *não só enxerga melhor a realidade como também consegue se expressar melhor oralmente e através da escrita, pois adquire mais e melhor vocabulário.*

Como já comentamos anteriormente, não se lê sem conhecer, pois temos que relacionar o objeto com a palavra para poder compreendê-la, isto porque, se não houver a dialogicidade entre teoria e prática, não conseguimos interagir-nos com o texto, portanto não se tem leitura. Neste sentido, a multiplicidade e as várias concepções de leitura, fazem com que cada um absorva do texto o que lhe é familiar e compreendido no seu dia-a-dia.

A leitura da palavra, só é produtiva quando surge muitas interpretações, nas quais, utiliza-se um contexto que leva-nos objetivamente a críticas, análises para um entendimento do que há nas entrelinhas, isto é, na subjetividade das palavras. Por isso, *quando se diz que o importante nos livros, está nas entrelinhas, ou atrás das palavras impressas, o que se quer dizer é que aquilo que os livros contêm não é diferente da vida. Escritos por homens, eles refletem o que é humano.* *LISBOA (apud SILVA, 1996:41)

Perante esta forma de leitura, a visão do leitor crescerá criticamente, diante do “seu” mundo e assim poderá decodificar, decifrar os signos criados pela própria sociedade e somar muito mais conhecimentos, já que esta leitura, é essencial em todas as áreas de estudos e primordial ao próprio ser humano, por possibilitar aquisição de experiências e desenvolver autenticidade e criatividade a todos que fazem uso dela:

Se o ler for tomado como um ato libertador, como uma prática provocadora de consciência dos fatos sociais por parte do povo, então é interesse ao sistema dominante que as condições de produção da leitura seja empobrecidas ao máximo, ou seja, que o acesso ao livro a um certo tipo de leitura seja dificultado ou bloqueado. (SILVA, 1995:44)

Mediante a esta constatação, estamos cientes de que a leitura de mundo é o suporte para a leitura crítica, a qual é importante para a desvendar os enigmas criados pela sociedade.

Diante do acima exposto, vemos a necessidade de conscientização de que se soubermos usar a leitura crítica como uma arma contra as injustiças sociais, certamente teremos um mundo melhor. Eni Pulcinelli Orlandi afirma:

Há, já instituída, uma história de leitura das classes dominantes, então é preciso se criar condições para que as classes populares elaborem sua história de leituras que a classe dominante desconhece, ou melhor, não reconhece. (ORLANDI, 1999:93)

Como a leitura exhibe a realidade, alguns leitores têm certa dificuldade de obter esta, de forma favorável ao desenvolvimento de seu conhecimento, pois em nosso mundo, a leitura

gira em torno de interesses. A classe dominante expõe explicitamente a leitura, como privilégio e não como direito, o que implicitamente veda a classe social menos favorecida de conhecer toda a leitura de seu mundo e a consequência é que o acesso aos livros, que serviriam como alicerce para a evolução e cultura, não acontece, pois o trabalho que se têm desenvolvido em leitura, não nos dirige para tal evolução.

A falta de condições é indiscutível: não há livros(em casa, na escola, na biblioteca) não há espaço para ler, não se formam circuitos de leitura, não existe vinculação entre o lido e o vivido, etc...etc É como as nossas crianças, condicionadas pelos organismos sócio-culturais, passam rapidamente a detestar a leitura... (SILVA, 1995: 9)

Vê-se que o leitor crítico constata melhor a realidade que vivemos, pois conforme comprovamos em nossa pesquisa o professor B afirma que *devido a um processo de aculturação que se verifica de longo tempo. A escola luta contra isso em vão, por que mesmo o Estado ainda não tem efetivo e verdadeiro interesse em promover a intelectualização em geral.*

Somos sabedores de que uma comunidade bem instruída é construída pela consciência da diversidade de leitura e mais, pelo valor desta em despertar a criticidade no cidadão. A leitura feita por “olhos” críticos é o combate a ignorância. Portanto, para os governantes não é de interesse que o povo tenha acesso ao conhecimento através da leitura, pois ao ficar na ignorância, as pessoas não têm a percepção para enxergar a realidade, as situações que ocorrem dentro deste sistema, como a miséria, a marginalidade e principalmente, o desemprego e assim calam-se frente a tudo. Com este ato não demonstram que são capazes de lutarem por seus ideais, já que não foram educadas para enxergar e fazer valer seus direitos como cidadãos, membros de uma sociedade ativa, mas que por falta de oportunidades, na maioria das vezes, grande parte da população fica ou torna-se inativa.

Vivemos num mundo, no qual nossa sobrevivência e evolução social, acontecem através da leitura e isso muitas vezes, em razão da leitura da escrita, pois *vivemos numa sociedade, em que a leitura ocupa papel decisivo no mercado de trabalho.* (YUNES, PONDÉ, 1989: 32)

Neste sentido, um indivíduo sem a leitura da palavra, não tem suporte, para enfrentar a concorrência salarial no mercado de trabalho, isso porque os “analfabetos da escrita” não têm chance, uma vez que os bons empregos e salários gordos, só estão abertos a quem tem escolaridade, o que às vezes, também não é levado em conta porque há um jogo de interesses na sociedade que impede a concorrência leal, pois nem sempre o vencedor é aquele que tem melhor instrução, já que a classe detentora do poder, quase sempre, é quem faz a escolha e os

menos favorecidos, não conseguem vencer pelo seu sucesso nos estudos. Para enaltecer e elucidar este assunto, Ezequiel Theodoro da Silva afirma que: *A presença de leitores críticos sem dúvida incomodaria bastante a política da ignorância e da alienação, estabelecida pelos regimes ditatoriais e disseminada através dos aparelhos ideológicos do Estado.* (SILVA, 1995: 50)

Dizem que vivemos num país democrático, que podemos reivindicar através da liberdade de expressão, os nossos direitos. Por isso, não é necessário uma análise profunda para percebermos a importância que tem a leitura da escrita como:

... um dos instrumentos fundamentais nesta briga pela democracia é exatamente a leitura, vista aqui como uma habilidade humana que permite o acesso do povo aos bens culturais já produzidos e registrados pela escrita e, portanto como um meio de conhecimento e crítica dos fatos históricos, científicos, etc. E como um dos meios práticos, ao lado da palavra oral, de que o povo pode lançar mão a fim de comunicar e fazer valer as suas idéias, interesses e aspirações. (SILVA, 1981:33)

Sabendo-se que em tudo que fazemos precisamos estar familiarizados com a leitura, seja ela da palavra ou de mundo, temos que ter como objetivo, aprender a dialogar com os textos e entendê-los no contexto que os envolve e decididamente buscar interesse e gosto pela leitura.

É importante lembrarmos, que cada um tem sua maneira de conceber a leitura, isto porque seguiu um trajeto de vida diferente, estruturou-se em cima de algumas regras adquiridas na convivência familiar, pois devido a cultura e o interesse de cada um, é que se obtêm, o porquê de ler e conseqüentemente o motivo de gostar de um tipo de leitura específica.

Diante deste contexto o aluno necessita ser valorizado e incentivado, já que é só a partir deste começo, que conseguiremos envolvê-lo e conscientizá-lo, de que a leitura é o suporte para seu futuro. Nesse sentido:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler; mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências, que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 1994:34)

Dessa forma indagamos: Por que não ler gibis, contos de fadas e tudo mais que nos interessa? O importante é ler e ter o hábito de permanecer na prática da leitura, porque é depois de termos habituados a esta prática, de tentar buscar a realidade e o mundo que nos envolve, ou seja, a nossa história de vida para dentro do contexto da leitura é que podemos trazer o texto para o nosso contexto, o qual permanecerá diariamente na individualidade, casa,

escola e será explorado comunitariamente, para assim enriquecer e aumentar o conhecimento, com a troca de informações. Nesse sentido a Escola Ciclada propõe que:

... não basta ao professor ensinar um saber, mas é preciso que esse saber atenda às nossas exigências sociais, culturais e tecnológicas. Ensinar a ler e aprender a ler para aprender à dinâmica da sociedade e para compreender a diversidade de funções que a escrita hoje requer. (ESCOLA CICLADA, 2000:120)

Essa proposta muito bonita por sinal, parece não estar sendo trabalhada de forma favorável nas escolas. Já que na teoria tudo funciona, porém na prática nós professores precisamos de formação profissional e material para desenvolver um bom trabalho.

Assim sendo nossa preocupação aumenta a cada dia, pois é através da leitura que surge inúmeras significações, porque esta é instauradora de realidade e exploradora de sentidos e assim está ligada também a subjetividade do autor do texto. Portanto num texto o autor atribui fatos ou valores que permeiam a sociedade e que ele quer mostrar ao público leitor. Já o leitor busca interagir os fatos do texto com os fatos vividos e percebidos por ele. Neste contexto percebemos que, *nada que se escreve é gratuito ou ingênuo, porque pressupõe um sentido e uma posição diante da vida...* (YUNES, PONDE , 1989:34)

Sabemos que a leitura tem um mundo amplo, assim desde que nascemos entramos em contato com a realidade. É com ela que contamos para começarmos a fazer uma leitura da vida e juntamente com nossos primeiros passos, tornamos um detetive na decifração do enigma “mundo”. Afinal, como diz Emília Ferreiro, *as crianças têm o mau costume de não pedir permissão para começar aprender.* (NOVA ESCOLA, 2001:15) Por isso compreende-se que a leitura é um processo contínuo, que tem início nos primeiros contatos das crianças com objetos e se prolonga pelo resto da vida.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que o ato de ler vai além do texto e começa antes mesmo do contato com ele. Trata-se de uma atividade que implica necessariamente compreensão, na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita. Diante disto, a mudança é imprescindível, pois o “didatismo” e a separação entre o mundo e a escrita, não abraça essas prioridades que temos para entender um texto, por isso surge outra proposta, na qual *...o aluno precisa aprender a ler em situações concretas, em que saiba o que está fazendo e com que objetivo o faz. Só assim é capaz de atribuir significado ao que lê e, dessa forma, desenvolver suas estratégias de leitor.* (ESCOLA CICLADA, 2000:120)

Tendo consciência que propostas são boas e perfeitas no papel, cabe a nós professores, juntamente com as escolas criar condições de leitura, ser um mediador entre os alunos e as formas de leituras. Mostrar aos alunos os vários sentidos que podem existir num texto, isto é, ajudá-los a enxergar que é sempre possível de um texto surgir outros textos e que tudo no nosso dizer, também faz sentido.

Diante disto devemos instigar nossos alunos a dialogar e dar sentido a algo escrito ou oral, (a um quadro, a uma música, as coisas, as idéias e as situações reais e imaginárias), pois tudo isso subentende-se que é leitura.

Dada a importância que tem um educador para formação de um leitor crítico é que o mesmo tem a função de mediar e despertar o interesse dos alunos pelo conhecimento, para isto, ele necessita aperfeiçoar e buscar cada vez mais, inteirar-se dos fatos e mudanças que envolvem seu real modo de viver. É primordial que tenha o hábito da leitura e seja um leitor consciente dos inúmeros sentidos que podem estar em meio a outros, pois só assim ele terá condições de auxiliar no crescimento intelectual dos alunos.

Neste sentido a Escola Ciclada propõe que, *para que o ensino da leitura possa ser melhor desenvolvido, necessitamos de um professor que também seja leitor.* (ESCOLA CICLADA,2000:121) Essa é uma proposta que soa como cobrança, porém se analisada veremos que também pode ser um incentivo, já que um professor leitor , seria realmente o primeiro passo em busca do entendimento das várias leituras ao nosso redor e principalmente, o pontapé em direção a criticidade que nós enquanto leitores necessitamos.

Somos conscientes que existe sempre dois lados, por isso temos aqueles professores que correm atrás do conhecimento, do aperfeiçoamento e outros que se acomodam, pois pensam que o mundo pára e como consequência não conseguem ver o mundo com olhos críticos.

Para reforçar este assunto vejamos as palavras de um professor analisado,

...os professores tem grande parcela de culpa porque se submetem ao acomodamento. Professor que não lê não pode exigir leitura de aluno. É um círculo vicioso que os governos fomentam como forma de controle político, e os professores ingenuamente aceitam essa situação. (PROFESSOR B)

Sabemos que a falta de leitura é um fator preocupante, no entanto, não nos preocupemos em encontrar um culpado para tal problema, já que essa precariedade envolve todo o sistema educacional. Como pudemos ver no decorrer da nossa pesquisa, tanto a escola como os professores, alunos, pais e o sistema dominante têm sua parcela de culpa, pois segundo os alunos analisados, *geralmente o que predomina em sala de aula são leituras da matéria,*

tendo como aprendizado a explicação após a leitura. (ALUNO B) E mais, as leituras que fazemos na sala sempre tem haver com aquilo que estamos estudando. (ALUNO D)*

Mediante aos fatos, que não demonstram incentivo à prática da leitura é que temos que nos questionar e lutar, para que abramos os olhos enquanto leitores e assim cresça cada vez mais nossa consciência de que somos fortes e capazes de sermos agentes nesta mudança , seja enquanto professores, alunos ou cidadãos, pois todos sabemos ler. Porque como já dissemos não existem “analfabetos”, já que vemos, vivemos e sentimos a leitura, ou seja, ela flui do mundo que nos rodeia e é só interagindo-nos com ela que conseguiremos transformar e construir um novo mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos que a leitura requer mais atenção por parte do leitor, pois ela age como o “leite materno para um bebê”, vê-se que se não nos apegarmos a ela, decifrando minuciosamente o presente, para garantir a compreensão do futuro, não seremos bons intérpretes da realidade. Viver sem compreender é o mesmo que viver amorfo à vida.

Lendo, estamos facilitando o convívio na sociedade, para isto torna-se necessário que haja o entendimento, para que facilite a comunicação e traga a compreensão harmoniosa na comunidade.

Sendo assim, acreditamos que tanto alunos, professores, pais, comunidade escolar, não têm que ficar parados e esperar uma solução do sistema dominante e sim, querer uma sociedade de leitores críticos e lutar pelas melhorias. Já que o sistema só nos mostra propostas e não nos dá condições para trabalhar. Vemos que precisamos tornar leitores autênticos, criativos e com criticidade suficiente para questionar, cobrar, criar condições e formas de se conceber a leitura.

Cremos que o primeiro passo, seja o de tornarmos um professor leitor e depois, a escola abrir espaço e dar autonomia ao corpo docente, para que possam trabalhar de acordo com a realidade e necessidade de seus alunos e estes principalmente, precisam ter consciência do poder e do valor da leitura, seja ela do mundo ou da palavra, pois como vimos no decorrer deste trabalho, uma é a base para a outra.

Frente a toda importância da leitura, a qual discutimos neste ensaio monográfico e tendo a consciência de que a leitura é polissêmica, é que deixamos nesta análise a abertura para que você leitor, possa concordar ou discordar dos argumentos discorridos até aqui, pois nossa pretensão foi aguçar sua curiosidade e criticidade, já que sabemos que de um texto podem surgir outros, ou até mesmo, ser enriquecido com outras visões.

BIBLIOGRAFIA

- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10 ed. São Paulo: Scipione, 1999.
- CAMPOS, Maria Helena Rabelo. IN: PAULINO, Graça, WALTY, Ivete (orgs.), *Teoria da literatura na escola: atualização para professores de I e II graus*. Belo Horizonte: UFMG/FALE/Departamento de semiótica e teoria da literatura, 1992.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 25. ed. São Paulo: Cortez, 1991.
- GERALDI, João Wanderley (organizador). *O texto na sala de aula*. São Paulo, SP: Ática, 2000.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. 4 ed. Campinas, SP: Cortez, 1999.
- PRESTES, Maria Luci de Mesquita. *Leitura e (re)escritura de textos: subsídios teóricos e práticas para o seu ensino*. Catanduva, SP: Respel, 1999.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5 ed. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- YUNES, Eliana, PONDÉ, Glória. *Literaturas e leituras da literatura infantil*. São Paulo: FTD, 1989.
- ESCOLA CICLADA DE MATO GROSSO. *Novos tempos e espaços para ensinar- aprender a sentir, ser e fazer*. Cuiabá: SEDUC, 2000.
- O ato de ler evolui. *Nova Escola*, São Paulo, n.143, p.13-15, junho/julho 2001.

ANEXOS

ANEXO 1 - PROFESSOR A

1 - Na sua opinião porque a maioria das pessoas não gostam de ler?

não, porque muitas vezes não foram estimulados devido a situação econômica. Outras, porque os pais acham sem importância comprar materiais extras para seus filhos.

2 - Que tipo de leitura você faz em sala de aula?

Dependendo do tipo de leitura! Pode-se fazer leitura de várias maneiras. Em sala de aula, faço o seguinte: textos, livros de crônica, poesia (algumas vezes) romances, artigos de revistas ou reportagens de jornais.

3 - Que tipo de leitura você gosta de fazer?

Eu gosto de textos literários e não literários.

4 - Você acha que a pessoa que lê muito, enxerga melhor a realidade. Justifique?

Não se enxerga melhor a realidade com o trabalho. Consigo se depressar melhor somente e através da escrita, pois consigo mais e melhor conhecimento. Desenvolvo uma produção com mais facilidade e consigo se esquecer em várias experiências e circunstâncias pelo fato de que posso ter uma visão mais ampla de tudo em que vivo.

ANEXO 2 - PROFESSOR B

1 - Na sua opinião porque a maioria das pessoas não gostam de ler?

Devido a um processo de a-culturação que se verifica de longo tempo. A Escola luta contra isso em vão, porque mesmo o Estado ainda não tem efetiva e verdadeira intenção em promover a intelectualização em geral. Por outro lado, os professores têm grande parcela de culpa porque se submeteram ao acomodamento. Professor que não lê não pode exigir leituras de alunos. É um círculo vicioso que os governos fomentam como forma de controle político e os professores ingenuamente acatam essa situação.

2 - Que tipo de leitura você trabalha em sala de aula?

Essa pergunta é muito vaga porque não especifica o que é leitura. Agora generalizando, são textos literários e não literários, considerando-se a estética como referencial.

3 - Que tipo de leitura seus alunos fazem?

Afora aquela exigida em sala (veja resposta anterior) não sei.

4 - Na sua concepção a leitura influencia no cotidiano do aluno. Justifique?

A leitura modifica o cotidiano de qualquer ^{pessoa}, a qualquer tempo; é um processo somático e de uma dimensão pessoal. E tudo depende ainda de como se entende leitura. A forma de ler uma coisa é diferente da de um texto, p. ex. De qualquer forma, ela sempre causará mudanças de comportamento.

(continua) Depois que saem da Escola, essas pessoas são solidas pela necessidade de trabalho e sobrevivência e passam a valorizar menos ainda a leitura, coisa que foi na Escola aprender a dar valor.

ANEXO 3 - PROFESSOR C

1 - Na sua opinião porque a maioria das pessoas não gostam de ler?

Entendo que não é possível apontar com exatidão a causa, mas acredito que uma das questões é a falta de incentivo por parte dos pais e dos educadores.

2 - Que tipo de leitura você trabalha em sala de aula?

As mais diversas desde uma receita de bolo até textos literários.

3 - Que tipo de leitura seus alunos fazem?

Sempre peço que façam também várias leituras e independente disso proponho um livro para que eles realizem um debate sobre o assunto tratado.

4 - Na sua concepção a leitura influencia no cotidiano do aluno. Justifique?

Se as leituras que o aluno faz principalmente em sala de aula for bem trabalhada, essa influenciara no seu cotidiano, de repente até nas suas ações.

ANEXO 4 - ALUNO A

1 - Na sua opinião porque a maioria das pessoas não gostam de ler?

Na maioria das vezes as pessoas não liem por preguiça, não se interessam pela leitura pelo fato de achar que não servirá para nada e que podem viver do mesmo jeito sem elas.

2 - Que tipo de leitura você faz em sala de aula?

Na realidade em salas de aula apenas liemos o conteúdo da matéria que estamos estudando, em Geografia, História, Artes e outras. Quanto a Português e Literatura, apenas li dois livros na sala de aula e acho que deveríamos ler mais esses livros (obras literárias).

3 - Que tipo de leitura você gosta de fazer?

Leituras de livros de obras literárias, romances como Julia e Sabrina, e também livros de conhecimentos gerais, pois isso ajuda muito. Mas infelizmente quase não lio.

4 - Você acha que a pessoa que lê muito, enxerga melhor a realidade. Justifique?

Sim. Porque a pessoa que lê bastante tem um mais conhecimento do que uma que não lê. E quem lê tem bem mais facilidade para realizar tarefas que lhes são propostas.

ANEXO 5 - ALUNO B

1 - Na sua opinião porque a maioria das pessoas não gostam de ler?

A maioria das vezes é por falta de não ser um livro de interesse da pessoa, um livro que desde o início interesse realmente a ler. Mas nem todas as vezes são por causa disso, e sim, porque quando a pessoa inicia a ler pelas primeiras vezes o professor fez com que o aluno tivesse tédio de tanto ler.

2 - Que tipo de leitura você faz em sala de aula?

Leituras de matéria, já quando é em aulas de Português, faço leituras de grandes poetas, livros de dramas. Mas geralmente o que predomina em sala de aula são leituras da matéria, tendo como aprendizado a explicação após a leitura.

3 - Que tipo de leitura você gosta de fazer?

Leituras que não ocorrendo na sociedade não desprezando das leituras românticas, de dramas que são lidas através de livros literários.

4 - Você acha que a pessoa que lê muito, enxerga melhor a realidade. Justifique?

Na minha opinião ler nunca é demais, pois tem que ter um limite. Por que sendo a pessoa além de entender a realidade, ela começa a enxergar demais da conta. Mas uma leitura bem lida, a pessoa pode extrair bons proveitos e comparar com o que está acontecendo hoje em dia.

ANEXO 6 - ALUNO C

1 - Na sua opinião porque a maioria das pessoas não gostam de ler?

Porque as vezes é muito cansativo, dependendo do conteúdo que a pessoa lê as vezes também se torna, sempre uma coisa só, uma rotina, sem ação e sem suspense. A leitura que a pessoa vai fazer tem que ter mais ação para intruzismar o leitor a ler com atenção e com vontade.

2 - Que tipo de leitura você faz em sala de aula?

Bom, são varios, mas frequentemente lemos obras literarias e sobre os acontecimentos do nosso Brasil nas ultimas decodas. Tudo que tenha haver com historia, Geografia, Portugues e Literatura.

3 - Que tipo de leitura você gosta de fazer?

Eu adoro romance. Gosto de tudo que tenha haver com amor e traicao. E odio ler coisas que tenham haver com politica, apesar que é otimo estar a par de todos os acontecimentos, isso é muito util para nós alunos que estamos prestes a enfrentar o vestibular.

4 - Você acha que a pessoa que lê muito, enxerga melhor a realidade. Justifique?

Sim. É claro que a pessoa que lê bastante sempre estará mais preparada, para um concurso, uma proposta de trabalho. Pois lendo, ela terá mais facilidade para se comunicar com as pessoas e saberá falar melhor e enxergará melhor a realidade do nosso mundo atual.

ANEXO 7 - ALUNO D

1 - Na sua opinião porque a maioria das pessoas não gostam de ler?

Primeiramente Tenho plena certeza que não há interesse, pois hoje em dia certos "amigos" dizem que isso é tarefa, por tanto, a pessoa se sente mal com aquela obrigação.

2 - Que tipo de leitura você faz em sala de aula?

Bem as leituras em sala de aula não são diversificadas, pois as leituras que fazemos na sala sempre tem haver com aquilo que estamos estudando no momento; Ex: se estamos estudando História temos que estudar o livro que a escola oferece, agora se temos que fazer uma pesquisa de algum tema do livro, consultamos outros livros são utilizados.

3 - Que tipo de leitura você gosta de fazer?

Bem, meu tipo de leitura são aquelas que tem haver com a vida, ou seja, o que acontece e aconteceu, pois isso é um auxílio no dia a dia. Portanto gosto de livros que falem a verdade.

4 - Você acha que a pessoa que lê muito, enxerga melhor a realidade. Justifique?

Não, no meu ponto de vista ela apenas aprende um pouco mais do que uma pessoa que não lê e sim sabe viver a realidade de uma maneira certa.

ANEXO 8 - ALUNO E

1 - Na sua opinião porque a maioria das pessoas não gostam de ler?

Talvez acham que é injusto ou não gostam de ler porque não tem tempo ou tem preguiça.

2 - Que tipo de leitura você faz em sala de aula?

Eu também não sou obrigado a leitura mas a que eu leio é mais sobre ciências e História.

3 - Que tipo de leitura você gosta de fazer?

Eu gosto de leituras de revistas e livros a respeito de assunto do que está acontecendo no mundo lá fora.

4 - Você acha que a pessoa que lê muito, enxerga melhor a realidade. Justifique?

Sim porque as pessoas que lêem as revistas elas ficam sabendo da realidade que passa em hoje em dia e também fica muito mais prático para ler.